

Bankamerica sugere que Brasil dê opções a credor

GEORGE VIDOR

O Vice-Presidente do Bank of America (cuja empresa holding é a BankAmerica) para o Brasil, Joel Korn, sugere que o País apresente aos credores uma proposta de renegociação da dívida externa eclética, flexível, como um menu onde figurem alternativas, de modo que cada instituição financeira possa se ajustar mais facilmente.

"Esta será uma negociação naturalmente complexa. É necessário, então, que existam opções para que os bancos, de acordo com suas características, possam se enquadrar sem ferir a legislação de seus países de origem. Para alguns bancos, emprestar dinheiro novo pode ser mais conveniente do que rolar os juros, por exemplo, porque isto não é aceito por algumas autoridades bancárias", explica Korn.

Fazer um acordo ou não com o Fundo Monetário Internacional é uma questão que deve ser decidida de forma soberana pelo Brasil, na opinião do Vice-Presidente do Bank of America. Mas Joel Korn pondera que o aval do FMI costuma ter uma boa repercussão junto a bancos menores, distantes da realidade brasileira. Assim, um acordo com o Fundo acabaria proporcionando ao País mais benefícios do que prejuízos.

Korn atribui em grande parte ao acordo com o FMI o fato de o México ter obtido um spread (taxa de risco) considerada baixa na sua renegociação. "Para os grandes bancos, porém, mais importante até do que este aval do FMI é que as autoridades brasileiras deixem claro, no momento da renegociação, qual é o programa econômico que o Brasil levará adiante para o desequilíbrio nas contas externas não voltar a ocorrer. Um programa que mostre também que as causas reais da inflação no País estão sendo atacadas," assinala.

O Vice-Presidente do Bank of America diz que os banqueiros têm reduzido o spread para o Brasil a cada renegociação: "O Brasil paga hoje 1,15 por cento sobre a taxa básica de juros nos empréstimos concedidos ao setor público e 1,25 por cento nos créditos a empresas privadas, restando apenas poucos financiamentos com taxas de 2,75 por cento. Os bancos já entraram em acordo sobre a redução do spread," ressalta Korn.

Se houvesse acordo com o FMI, o spread possivelmente seria ainda menor. "O Fundo está estigmatizado no Brasil, mas a verdade é que o órgão é hoje mais sensível para os problemas do que era em 82/83. A crise, naquela época, pegou todo mundo de surpresa. Mas os anos da crise tornaram o Fundo mais experiente, mais maduro," observa.

Os bancos também estão mais sensíveis para essa questão, segundo Korn. E tanto é assim que já estavam se preparando para a possibilidade de o Brasil não ter recursos suficientes para pagar a sua conta de juros em 87. "O que é preciso estabelecer agora são os critérios e as prioridades para saída de divisas."

O executivo do Bank of America acha também que as renegociação deve ser rápida — "é viável que se conclua em dois ou três meses" — para que as pressões internas e externas sejam minimizadas. "O Brasil tem que sair dessa negociação com bom trânsito na comunidade internacional. A dívida não está dissociada do comércio," diz.

A auditoria da dívida externa não assusta o Bank of America, que tem US\$ 3 bilhões emprestados ao Brasil, sendo US\$ 700 milhões em créditos de curto prazo: — Já é tempo de se esclarecer as insinuações que existem. E até o fim, apurando responsabilidades. Acho correto que se preste contas em relação à dívida.



Korn acha correto que o Governo brasileiro faça auditoria sobre a dívida externa para esclarecer insinuações

Fotos de Raimundo Neto



Fazer acordo ou não com o FMI é uma questão de soberania

JOEL KORN

PAÍSES DESENVOLVIDOS SUSTENTAM O DÓLAR

Banco prevê estabilidade para as taxas de juros internacionais em 87

As taxas de juros internacionais deverão permanecer estabilizadas este ano como resultante das medidas adotadas em relação ao dólar. A economia americana vem crescendo a um ritmo aquém das expectativas, o que seria um fator de queda nos juros. Mas, isto enfraqueceria ainda mais o dólar pois ao invés de entrada haveria saída de capitais dos Estados Unidos. Como os países desenvolvidos decidiram segurar o dólar, os juros não deverão baixar, de acordo com as previsões do Bank of America, segundo maior banco comercial americano e quarto no mundo.

No ano passado, a inflação nos Estados Unidos foi de apenas 1,1 por cento, a mais baixa desde a II Guerra. A economia americana, de acordo com as estimativas do Bank of America, deve crescer 2,6 por cento este

ano.

O Bank of America está executando um plano de recuperação interna, segundo Joel Korn, cujos resultados somente serão sentidos, em toda a sua plenitude, no ano de 88. O banco reduziu suas despesas operacionais em US\$ 500 milhões e dispensou 10 mil funcionários no ano passado. Neste primeiro trimestre está dispensando mais cinco mil empregados e fechando agências. Fez ainda uma provisão de US\$ 2 bilhões para se proteger contra problemas de créditos concedidos a empresas de construção e agricultores na Califórnia, que não estavam dando o retorno esperado. Mas no Brasil, os planos do Banco são de crescer, diversificando negócios que gerem receita fora dos juros, por ora creditados apenas em Cruzados em nome do grupo.